

VÉRTICES DE INTERPRETAÇÃO DO OBJETO TRANSICIONAL E MUDANÇA PSÍQUICA

José Tolentino Rosa

O poder de estrutura estruturante do objeto transicional pode explicar não só as fantasias inconscientes da natureza sexual e agressiva, como as de caráter sado-masoquistas, mas também ajuda a entender o sistema tensional inconsciente dominante dessas fantasias presentes nas relações objetais. Os primeiros objetos externos de que a criança se dá conta são o próprio corpo e o corpo da mãe, representante do sentimento primordial de posse de um ser existente que não-sou-eu. Os objetos transicionais podem ser representados por contos, fábulas, e histórias necessárias a homeostase narcísica da criança e tendem a funcionar de modo a acentuar o caráter ambivalente do objeto a presença de inúmeros vértices para compreensão do fenômeno; funcionar como uma parte projetiva para o corpo da mãe como um todo e para o corpo da criança; funcionar de modo a satisfazer desejos inconscientes de natureza agressiva e sexual. O conceito de objeto transicional implica em pelo menos dois vértices na interpretação winnicottiana das relações objetais na mudança psíquica: o objeto direto, do latim acusativo, implica uma afirmação direta sobre o objeto e o objeto indireto implica na datividade do objeto transicional, introduzindo o terceiro objeto na relação interpessoal. A mudança psíquica pode ser encorajada com a introdução de fábulas, que constituem o terceiro objeto na narrativa do sujeito ao psicoterapeuta. Ilustram-se mudanças psíquicas em sessões de psicoterapia que mostram como as pessoas inventam incontáveis fábulas e mitos que funcionam como verdadeiros objetos transicionais: funcionam como fetiche e amuletos de sorte com os quais se relacionam de modo muito semelhante ao bebê winnicottiano.